CELORICO DE BASTO
(Ribas)

Ribas é uma freguesia do concelho de Celorico de Basto, distrito de Braga, e dista cerca de 14 km da sede de concelho. Sair de Celorico pela rua Rodrigues de Freitas/estrada N101-4, virar à direita para a rua Joaquim Bahia e depois à esquerda para a estrada N618. Mais à frente virar à direita para a rua Eng. Adelino Amaro da Costa e depois à esquerda para a estrada M616-1 seguindo durante cerca de 5,5 km e depois virar à direita em direção à estrada M616. Andar durante cerca de 4 km e continuar pela estrada N304 e 1 km à frente virar à direita em direção à estrada N206. Cerca de 1 km à frente virar à direita para a estrada M1928, depois virar à esquerda e depois à direita e novamente à esquerda. A igreja do Divino Salvador de Ribas encontra-se um pouco mais à frente.

O seu enquadramento é rural, rodeado de matas e campos de cultivo e também de residências particulares e de edifícios de apoio à comunidade.

O topónimo Ribas deriva do terreno acidentado onde está implantada a freguesia e a própria igreja do Salvador está edificada numa meia-encosta sobranceira ao rio de Veade, afluente do Tâmega.

Este território seria ocupado desde tempos pré-históricos, como atestam os fragmentos detetados durante campanhas arqueológicas. Também foram revelados vestígios da ocupação romana. Ribas situava-se no território medieval de Celorico de Basto que era de administração da casa de Sousa. Os Sousãos terão tido na freguesia de Ribas diversos bens.

Mosteiro do Salvador

Segundo a tradição, as origens do mosteiro remontam ao século XII, fundado pelos monges dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. O primeiro prior terá sido D. Mendo, que adquiriu fama de santidade. Em meados do século XII, já existiria uma estrutura capaz de receber o prior D. Mendo, mas é de estranhar que nem as inquirições de 1220 nem as de 1258 se refiram à existência deste cenóbio. Sobre essa ermida terá sido erguido o templo românico e respetivo cenóbio. Aires Gomes Fernandes, autor da tese *Os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho no norte de Portugal em finais da Idade Média*, não tem qualquer referência ao mosteiro crúzio de Salvador de Ribas.

Vários autores transcreveram a epígrafe funerária de D. Mendo, mas Mário Barroca duvida que tal inscrição tenha mesmo existido, não restando qualquer traço dela, nem da sua sepultura, já em 1726. Não obstante, transcreve a leitura de Francisco Craesbeeck,

> Hic · Iacet · Dominus · Menendus · / Huius · Monasterii · Primus · Prior · / Qui · Nunquam · Dum · Vixit · / Pedem · Movit · Nisi · Ad · Obsequium · Dei ·/ Obiit · VI · Nonas · Octobri · E M CC VIII.

Como assinalado acima, as Inquirições de 1220 e 1258 não fazem qualquer referência a este mosteiro. Em 1220, é afirmado que a freguesia de São Salvador de Ribas não é do padroado régio, nem a Coroa possuía na freguesia de Ribas qualquer casal reguengo, nem recebe qualquer foro, apenas voz e calúnia de alguns lugares. A igreja detém na freguesia 27 casais. Em 1258, as testemunhas adiantam que o padroado da igreja *Sancto Salvatoris de Ripis* era de cavaleiros e certos governadores.

A primeira referência concreta a esta igreja data de 1240, designada como *ecclesiam de Ripis*, o que significa que, mesmo não estando terminada a construção da igreja, já se celebrariam aí os ofícios divinos. Como se sabe, no período românico, a construção de uma igreja iniciava-se pela cabeceira. Uma epígrafe, hoje em silhar avulso, remete para a conclusão do edifício, ou de uma parte dele, no ano de 1269.

Em 1320, segundo o Catálogo das igrejas, mosteiros e comendas do reino mandado fazer por D. Dinis, com vista a angariar contribuições para a Cruzada, a igreja de Ribas foi taxada em 350 libras, o valor mais elevado (a par com a igreja de São Pedro de Atei) das igrejas da Terra de Basto,



Perspetiva aérea a partir de sudoeste

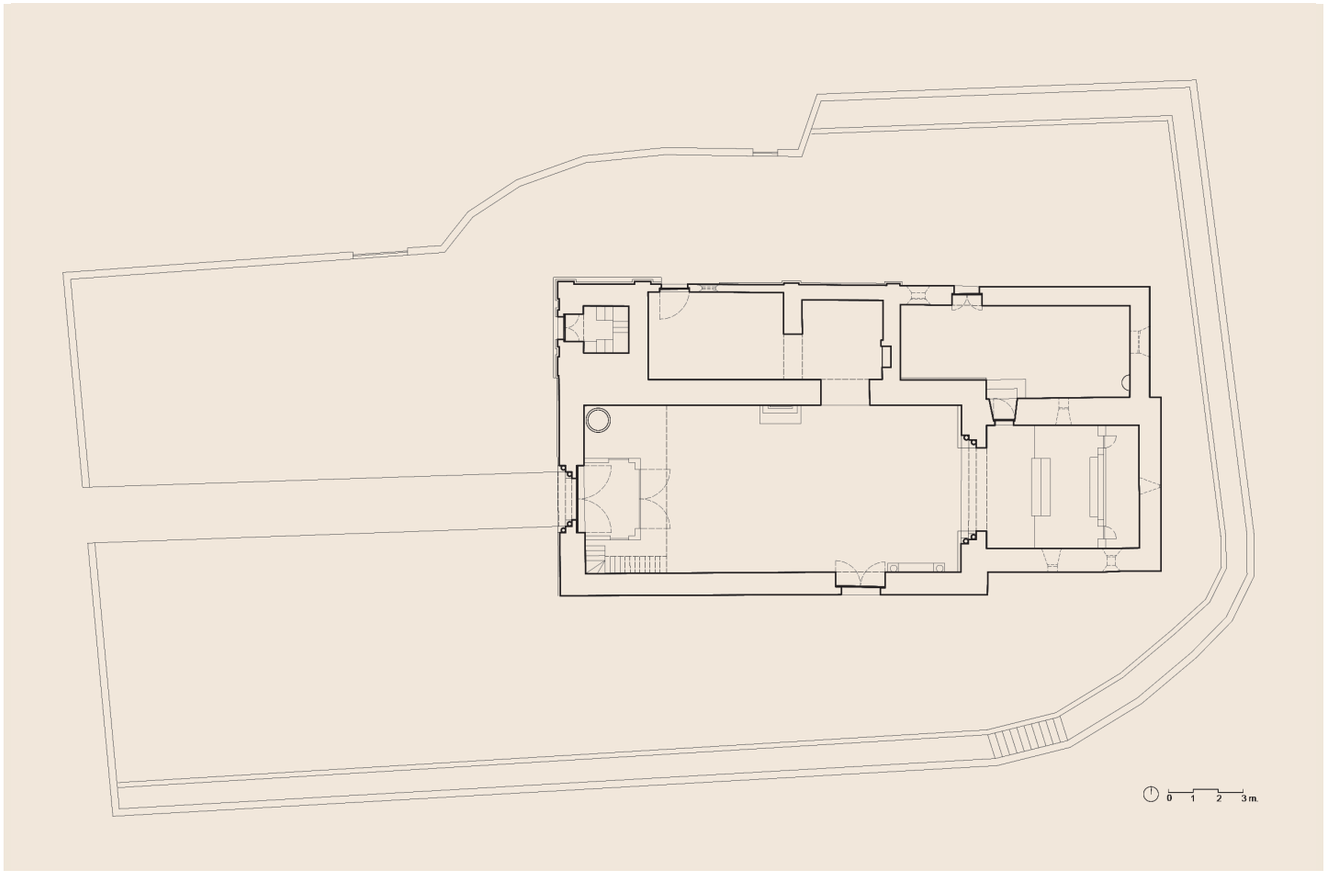
contribuição apenas suplantada pelos mosteiros de Arnoia (700 libras) e de Refojos (2 000 libras).

Fazia parte do extenso património da Ordem de Cristo e, no século XVI, foi convertida em comenda, mais concretamente em 1556. Em 1563, data da redação do *Livro das Comendas da Ordem de Cristo*, São Salvador de Ribas de Basto não tinha comendador atribuído nem qualquer avaliação de rendas. Apenas é referido como sendo uma comenda nova dos 20 mil cruzados. João de Barros, autor da *Geographia d'Entre Douro e Minho*, escrita em meados do século XVI, não faz qualquer referência à igreja ou mosteiro de Ribas. Em 1565, é feita a exumação do corpo de D. Mendo, revelando as suas pernas incorruptíveis, o que teria originado a fama de santidade do prior.

Em 1617, as rendas da comenda de Ribas estavam orçamentadas em 215 000 réis. Cerca de um século mais tarde, Craesbeeck assinala o estado de ruína da igreja e nas Memórias Paroquiais de 1758, o relator do estado da freguesia informa que a igreja tinha quatro altares e uma nave, mas não refere qualquer vestígio de claustro ou dependências monacais nem a história de D. Mendo.

Em 1706, Carvalho da Costa afirmara que, no local, fora erguida inicialmente uma ermida dedicada ao Salvador e que D. João Peculiar, arcebispo de Braga, atraído por uma "santa imagem", edificou aí uma igreja e um mosteiro entregando-o aos Cónegos Crúzios, cerca do ano 1160, mandando vir para prior o cónego D. Mendo. Apesar de não ser possível confirmar estas declarações, o facto de sugerir a existência de uma ermida é relevante, pois estaria na base da igreja dedicada ao Salvador.

Revelando a fábrica medieval bastante bem conservada, a Igreja do Salvador de Ribas é formada por uma só nave com cabeceira retangular, mais baixa e mais estreita, criando uma acentuada diferenciação de volumes. No lado norte ergue-se torre sineira quadrangular, alinhada e adossada à fachada oeste. A partir desta perspetiva oculta-se assim um conjunto de elementos que, mais baixos que esta, se adossam ao alçado sul da igreja. Criando um alinhamento contínuo com o limite norte da torre, surgem aqui várias edificações que responderam aos preceitos litúrgicos da época moderna e às necessidades da paroquial. De entre estes destacam-se a sacristia e uma capela.



Planta

Independentemente das variações plásticas criadas pelos vários tempos construtivos que identificamos na igreja, persiste o granito como material construtivo preferencialmente utilizado. O aparelho é tendencialmente pseudo-isódomo. Na nave, cabeceira e capela lateral as coberturas são em telha de duas águas. Nas restantes estruturas, optou-se já por a solução de cobertura de uma só água.

A fábrica de Ribas destaca-se pela uniformidade alcançada ao nível dos seus paramentos exteriores, compostos por silhares bem esquadriados que formam fiadas de dimensões muito regulares, conforme bem se vê no alçado sul, bem como pela homogeneidade dos elementos decorativos aqui aplicados. Maria Leonor Botelho e Nuno Resende atribuem esta homogeneidade à possibilidade de a igreja ter sido edificada num curto espaço de tempo. Estamos perante um exemplo de execução tardia, que confirma a resistência das formas românicas para lá do seu próprio tempo.

Embora a primeira referência documental a Ribas date de 1240, é possível que a edificação da igreja tenha sido terminada por volta de 1269, segundo se comprova por inscrição em silhar reaproveitado na torre sineira da igreja, como se pode ler segundo a interpretação de Mário Barroca

[... era:] Mª ⁝ Cª ⁝ Cª ⁝ Cª ⁝ [VIIª:] / [...] T ⁝ ISTE ⁝ FECIT ⁝ /
[...mª ⁝ clitis ⁝ mlvii ⁝]

Trata-se de uma inscrição comemorativa da conclusão da igreja ou de uma das suas fases construtivas, atestada pela expressão *fecit*, utilizada então a propósito da fundação de templos. Contudo, esta inscrição está mutilada. O silhar na qual foi gravada foi reaproveitado na torre sineira da igreja e adaptado a peso para o sistema de relógio. Hoje o silhar encontra-se avulso. A sua reconstituição é hoje possível graças à leitura apresentada por Francisco Craesbeeck, em 1726, encontrando-se, então, a referida inscrição embutida na parede sul da nave, entre a porta lateral e a cabeceira. Assim, segundo Maria Leonor Botelho e Nuno Resende, reporta esta inscrição à memoração da conclusão da igreja ou de alguma das suas fases construtivas na Era de 1307, ou seja, em 1269, que a sua descontextualização não permite confirmar.



Silhar com inscrição relativa ao ano de 1269

Na parede fundeira da nave é bem visível a qualidade do estaleiro de Ribas. Os silhares, bem esquadriados, imprimem uma homogeneidade pouco comum ao paramento murário. Uma muito estreita fresta rasga-o e permite a iluminação da abside a partir de nascente. Em ambos os lados da cabeceira, bem como na nave, persiste uma cachorrada caracteristicamente românica que sustenta uma cornija que se orna de meias esferas, no lado norte. Apesar da maior parte deles serem lisos, os raros exemplares esculpidos surgem precisamente aqui. O caráter liso dos cachorros concorre para comprovar a cronologia tardia da edificação desta igreja. De entre os cachorros ornamentados denota-se uma evidente preferência pelo motivo das pérolas, isoladas. No alçado sul da cabeceira, além de uma fresta estreita, tipicamente românica, vemos um janelão retangular, fruto de uma intervenção da época moderna.

É o alçado sul da nave que mais elementos conserva do período românico. A homogeneidade do conjunto poder-se-á dever ao rápido andamento das obras acima proposto. A cachorrada, tendencialmente lisa e de perfil quadrangular, sustenta uma cornija profunda. Entre esta e o lacrimal, a meia altura do paramento, rasgam-se três estreitas frestas com configuração semelhante às da parede fundeira da abside. A presença de mísulas confirma ter existido aqui uma estrutura alpendrada e que, entretanto, foi desmontada. Protegia um portal que se rasga na própria espessura do muro. Confirmando a adoção de novas fórmulas arquitetónicas em Ribas, por força da cronologia da sua edificação, o portal sul é igualmente testemunho da resistência das formas dos modelos românicos. As mísulas que sustentam um tímpano liso assentam sobre os pés-direitos do muro. A arquivolta, acentuadamente quebrada e que define o conjunto, ostenta no chanfro o motivo românico das pérolas ou das *esferas soltas [e] alto relevo constituem um dos motivos identificados*, com o n.º 12, no inventário elaborado por Joaquim de Vasconcelos (1849-1936) o que comprova a sua popularidade entre os fazedores do românico edificado em território português. Contudo, Maria Leonor Botelho e Nuno Resende chamaram a atenção para o facto de que o recurso ao motivo decorativo da pérola ou esfera, de evidente sabor românico deve ser entendido no âmbito dos impulsos de inspiração de um atelier local que se encontrava seguramente afastado dos principais centros artísticos da época. Acrescente-se que o recurso ao arco quebrado não deve ser aqui interpretado como testemunho de feitura tardia pois, como se sabe, o românico pleno também dele fez uso.

No lado norte persiste a cachorrada, idêntica à sul. Sustenta cornija ornada com o motivo das meias esferas. As frestas foram aqui alargadas. O portal está oculto ou foi transformado para permitir o acesso à capela que aqui se edificou na época moderna.

A fachada oeste da igreja destaca-se pela sua contenção e contrasta plasticamente com a torre sineira, a norte. A qualidade do aparelho é uma vez mais de sublinhar. O portal oeste, apesar de inscrito na espessura do muro, mostra-se relativamente profundo. Compõe-se de duas arquivoltas quebradas ornadas com pérolas. Sustentam-nas colunas, de fuste cilíndrico, estreitas e elegantes. A escultura, quase plana e composta de folhagem relevada, prende-se



Perspetiva geral da igreja. Alçados norte e leste



Perspetiva geral da igreja. Alçados sul e oeste



Portal sul



Portal oeste

ao cesto dos seus capitéis. Sobre as folhagens dos capitéis vemos uma composição de pérolas que se alinha com as das arquivoltas, definindo uma notória continuidade. O tímpano, assente sobre mísulas decoradas com uma roseta de relevo acentuado, mostra-nos uma cruz incisa, com terminações floreadas. As cruzes terminais da nave, na fachada principal e na empena do arco triunfal, apresentam-se muito originais pelo carácter alteado da sua haste que termina em círculo onde se insculpe uma cruz pátea, conforme notaram Maria Leonor Botelho e Nuno Resende. Conferindo verticalidade ao conjunto, sobre o portal e mais próximo da empena, rasga-se fresta larga onde se vê, uma vez mais, o motivo das pérolas. O mesmo motivo repete-se no interior da fresta e na cornija da empena da fachada oeste.

Num ângulo ajardinado do adro persiste a pia batismal. Lisos, a taça e o pé são circulares.

O interior da igreja encontra-se muito transformado pela presença de elementos artísticos da época moderna e particularmente do período *rocaille*, de que se destacam retábulos e sanefas de grande aparato. Os silhares em granito dos paramentos ainda convocam a época românica. Persiste o arco triunfal, apesar de monumentalizado por grande sanefa entalhada que respeitou o seu desenho. As suas duas arquivoltas são quebradas. No chanfro vemos o motivo das esferas. Ao nível dos capitéis remete-se o esquema usado no portal principal, conforme notaram já Maria Leonor Botelho e Nuno Resende, visível no prolongamento do motivo das pérolas. Aqui vemos ainda duas impostas, de composição diferenciada. No lado do Evangelho, uma imposta composta por boleado ladeado por esferas, motivo que se prolonga ao modo de friso na parede envolvente, no lado voltado à capela-mor. Já do lado da Epístola, a presença de molduras clássicas leva-nos a supor ter havido aqui uma qualquer alteração na época moderna. No fecho da arquivolta interior do arco, no lado voltado à nave, está esculturada uma ave com as asas abertas.

Edificada no século XIII, num românico tardio, a igreja do Salvador de Ribas conserva a sua fábrica primitiva relativamente bem conservada. Apesar das várias intervenções realizadas na época moderna, que lhe acrescentaram vários corpos a sul e que são sobretudo visíveis ao nível do seu mobiliário litúrgico no interior, esta igreja deve ser considerada como um bom testemunho do chamado românico de resistência. Estamos, pois, diante de um testemunho datado tardiamente, entrando já na segunda metade do século XIII, conforme nos atesta a inscrição que, apesar de truncada, convoca a data de 1269. Em Salvador de Ribas, a recetividade à novidade que a época gótica trouxe mostra-se também nesta inscrição, não só através da paleografia característica desta época, como também pelo facto de aludir à construção como *iste fecit*.

A igreja do Salvador de Ribas é hoje a matriz da freguesia e integra a Rota do Românico desde 2010.

Texto: MLB/JL - Fotos: RR - Plano: GM/MF/MS (sobre SIPA-DGPC)

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1978a, II, p. 258; ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 107; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 135 (de 1170, outubro, 2), Insc. n.º 371 (de 1269); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 156 (de 1170, outubro, 2); BOISSELLIER, S., 2012, p. 150; COSTA, A., 1929-49, X, p. 211; COSTA, A.C., 1706-12, I, pp. 145-146; CRAESBEECK, F.X.S., 1992, I, pp. 360-361; FERNANDES, A. G., 2011; GEPB, 1935-60, XXV, pp. 514-515; LENCART, 2018, p. 458; MARQUES, J., 1988, pp. 852 e 949; MEM. PAROQ. 1758 (2003), pp. 250-251; PMH, INQ., pp. 51, 135, 195, 243 (de 1220) e p. 658 (de 1258); ROSAS, L.M.C. *et alii*, 2014a, pp. 423-442; ROTA DO ROMÂNICO; SIPA; VASCONCELOS, J., 1918, p. 70.

Interior. Arco triunfal

